

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
SOLVEIG NORDLUND – UM PERCURSO SINGULAR
28 de Junho de 2022

UMA HISTÓRIA IMORTAL / 1990 “EN ODÖDLIG HISTORIA”

um filme de SOLVEIG NORDLUND

Realização, Montagem: Solveig Nordlund / Fotografia: Lisa Hagstrand / Assistente: Bruno Nordlund / Som: Tommy Ottebjer / Mistura: Gabor Pasztor / Com: Grupo Teatral A Formiguinha da Boa Morte / Narrador da versão portuguesa: Alexandra Lencastre.

Produção: Torromfilm / Cópia: em 16 mm, cor, falada em português, com legendas em inglês / Duração: 50 minutos / Título sueco: “En Odödlig Historia” / Primeira apresentação pública: Setembro de 1990, 19º Festival Internacional da Figueira da Foz, Programa “Descobertas, Expansão, Colonialismo” / Estreia: Novembro de 1990, Estocolmo, Suécia / Prémio Mario Ruspoli no Cinéma du Réel: Bilan du Film Ethnographique, França, Paris, 1991 / Primeira exibição na Cinemateca.

Uma História Imortal desloca-nos para a Ilha de São Tomé, onde se representa anualmente o *Tchiloli*, uma das mais ricas manifestações culturais do país. A par do *Auto da Floripes*, ainda hoje representado na vizinha ilha do Príncipe, mas também no norte de Portugal, o *Tchiloli* é uma manifestação de teatro popular são tomense que se insere no “Ciclo Carolíngio”, correspondente às histórias do tempo do imperador Carlos Magno, congregando em si elementos teatrais, mas também a dança, ou a música, que na sua origem simultaneamente europeia e africana ganham contornos únicos. O autor do texto que está na base de *Tchiloli* ou da “Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carloto Magno” é o madeirense Baltazar Dias, e a sua chegada a São Tomé em meados do século XVI permite-nos perceber bem os fluxos do colonialismo português, que também são os fluxos da escravatura e das explorações que acolheram as primeiras plantações do açúcar vindo da Ilha da Madeira.

Representando-se ao longo de seis horas de um mesmo dia, o *Tchiloli* é um “tour de force”, tanto ao nível da duração da sua representação, como do modo como se foi transmitindo ao longo de muitas gerações, chegando aos nossos dias. O protagonismo de **Uma História Imortal** cabe à peça e aos elementos do Grupo Teatral “A Formiguinha da Boa Morte”, mas também à luxuriante “paisagem” são tomense que os enquadra. Solveig Nordlund documenta toda a sua complexa mescla de tradições de modo exemplar, deslocando-nos com frequência para a actualidade e estabelecendo paralelismos entre passado e presente. E se, ao longo dos anos, Nordlund filmou e encenou várias peças teatrais, algumas das quais estão na base dos seus filmes, esta é naturalmente diferente. Representado em cenários naturais, o *Tchiloli* destaca-se pela riqueza dos seus ritmos e sumptuosos trajes e pela beleza intrínseca dos seus actores amadores (exclusivamente

homens), que declamam textos e papéis que passam de pais para filhos e permanecem quase imutáveis.

No filme, Nordlund dá-nos conta de todas estas dimensões ao filmar a representação em acto, mas também ao entrecortá-la com testemunhos dos seus protagonistas, que nos revelam como tudo se passa ano após ano, geração após geração. “Sou mais conhecido como príncipe do que pelo meu nome real”, diz um dos protagonistas. Outro explica candidamente porque representa invariavelmente um papel feminino, numa tradição vedada às mulheres. Um miúdo muito novo diz a Nordlund que quando crescer quer ser o Marquês. “É um papel muito bonito.” E cita de cor: “Querido sobrinho, nunca duvidei nem duvido. Enquanto não vir no chão a cabeça do assassino não terei um minuto de sossego.” É a única coisa que sabe, mas quer saber mais...

Há estas “lições de história”, mas há outras mais explícitas, pois são as vozes das crianças no início do documentário que, na sala de aula, associam colonialismo a exploração estrangeira. “Os observadores estrangeiros julgavam que a representação da tragédia desapareceria com a independência, viam a sua sobrevivência pelos séculos fora como uma manifestação de ânsia pela liberdade, mas a tragédia continua”, diz um dos actores. Mesmo se resultante da herança colonial, esta é a “cultura são tomense” reafirma. Mas ficamos também com uma alusão aos “novos colonos” através de imagens e sons que chegam onde frequentemente as palavras não chegam, e é esta subtileza que caracteriza parte do cinema de Nordlund. Chegados ao “epílogo”, a sublime frontalidade dos actores face à câmara resume a beleza de toda esta tradição.

Joana Ascensão